

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONFERÊNCIA. PECADO, CULPA E ANGÚSTIA NA CENA GILVICENTINA.

PINA, Luís de

Ano: 1957 | Número: 67

Como citar este documento:

PINA, Luís de, Conferência. Pecado, Culpa e Angústia na cena Gilvicentina. *Revista de Guimarães*, 67 (3-4) Jul.-Dez. 1957, p. 554-556.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Conferências

Integradas no Ciclo dos Festivais Vicentinos, promovidos com o maior êxito pela Ex.^{ma} Câmara Municipal de Guimarães, foram realizadas no Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmiento duas Conferências, para encerramento dessas comemorações de carácter cultural.

A primeira foi levada a efeito no dia 3 de Julho pelo nosso consócio Sr. Prof. Dr. Luís de Pina, que versou o tema «*Pecado, Culpa e Angústia na Cena Gilvicentina*». Transcrevemos do semanário local «Notícias de Guimarães», de 7 de Julho, o breve relato desta brilhante lição do ilustre catedrático da Universidade do Porto:

«No salão nobre da benemérita Sociedade Martins Sarmiento realizou o ilustre prof. Dr. Luís de Pina, na quarta-feira, perante numerosa e distinta assistência, a sua anunciada conferência sob o sugestivo tema *Pecado, Culpa e Angústia na Cena Gilvicentina*, integrada no Festival de Gil Vicente.

Presidiu à conferência o sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, presidente da Câmara Municipal, que tinha à sua direita o sr. Dr. Carlos Saraiva, presidente da Junta de Turismo, e à esquerda o sr. Coronel Mário Cardozo, presidente da S. M. S., vendo-se ainda noutros lugares alguns Directores da Sociedade, Vereadores da Câmara Municipal, e outras individualidades em destaque.

O Sr. Coronel Mário Cardozo usou da palavra para referir-se à louvável iniciativa do Município de promover duas conferências naquela Casa, como remate do Festival de Gil Vicente, que tanto êxito obteve. Aludiu ao ilustre conferente da noite e recordou as comemorações Gilvicentinas que há anos se realizaram e no decorrer das quais foi lançada a primeira pedra para o monumento a Mestre Gil, sentindo que o mesmo ainda não tenha sido levantado numa praça pública de Guimarães.

Seguidamente foi concedida a palavra ao sr. Dr. Carlos Saraiva, que após ter-se referido à iniciativa do Festival de Gil Vicente, citando os espectáculos que foram levados a efeito no belo cenário do Paço dos Duques de Bragança, fez a apresentação do conferente, salientando as suas altas qualidades.

E foi então dada a palavra ao prof. Dr. Luís de Pina, o qual agradeceu as referências que lhe haviam sido feitas e bem assim o convite honroso da Câmara Municipal para realizar esta conferência, mostrando quanto lhe era grato estar naquela Casa que representa para si a primeira Universidade que frequentou.

O orador ocupou-se depois de Mestre Gil, que aceita ter nascido nesta cidade, analisando pormenorizadamente a sua Obra e fazendo a descrição de algumas das mais notáveis personagens dos seus Autos.

Ao terminar o brilhante trabalho, que o auditório escutou com o mais vivo interesse, o talentoso orador foi demoradamente aplaudido, tendo o sr. Presidente da Câmara Municipal encerrado a sessão, depois de felicitar o prof. Dr. Luís de Pina e de agradecer aos oradores anteriores as palavras que lhe haviam dirigido».

Transcrevemos igualmente as palavras pronunciadas pelo Sr. Coronel Mário Cardozo, presidente da Sociedade Martins Sarmento, na abertura da sessão:

Ex.^{mo} Senhor Presidente da Câmara Municipal,
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Para encerramento do «Festival de Gil Vicente», tão patriótica e inteligentemente promovido pela Câmara Municipal a cujos destinos V. Ex.^a preside, festival conduzido com tamanho brilho e sucesso, numa sucessão de saraus de Arte realizados no ambiente evocador do nosso monumental Paço dos Duques de Bragança — quiz V. Ex.^a que nesta Casa de «Martins Sarmento» fossem levadas a efeito duas Conferências sobre a Obra do genial dramaturgo, que ficarão constituindo a «chave de ouro» com que se fecha o ciclo destas comemorações.

Creio bem que não poderia V. Ex.^a conseguir mais acertada escolha — nem dos Conferentes, nem da Casa onde eles vão fazer ouvir a sua palavra eloquente. O Senhor Professor Luís de Pina, cidadão vimaranense *honorário*, por direito do seu amor à nossa terra e terra de seus avós, é um sincero amigo desta Instituição e nosso querido consócio, colaborador e companheiro nas labutas espirituais desta Casa. Desde muito novo aqui adquiriu, como alguns dos mais destacados Nomes da nossa terra, a sua iniciação cultural, e foi por certo no folhear interessado e febril das obras da riquíssima livreria desta Instituição que ele ficou para sempre inoculado do *virus* da curiosidade intelectual e da vontade do saber e do estudo, que haviam de fazer dele um escritor e um investigador dos mais notáveis do nosso País, cuja obra literária e científica ultrapassou de há muito as fronteiras, e é conhecida e admirada nos meios cultos europeus.

O Sr. Engenheiro Rebelo Bonito que, de hoje a oito dias, ocupará por sua vez a cátedra desta Instituição, é um espírito superiormente culto e brilhante musicólogo, que saberá igualmente prender a nossa atenção, com o tema interessantíssimo que escolheu para a sua Conferência.

Resta-me aludir à acertada escolha desta Casa, que V. Ex.^a preferiu, Senhor Presidente, para a realização destas duas Conferências. De facto, elas só teriam um verdadeiro ambiente de elevação cultural adequado ao momento, quando pronunciadas neste salão nobre, onde ainda ressoam os ecos da magnífica Conferência sobre Gil Vicente aqui feita pelo saudoso Poeta e notabilíssimo Homem de Letras que foi Afonso Lopes Vieira, o grande ressurgidor dos autos vicentinos, na inolvidável noite de 8 de Junho de 1937, ocasião em que esta cidade comemorou a passagem do IV Centenário da morte do glorioso fundador do Teatro português.

Não quero terminar estas breves palavras, endereçadas especialmente à Câmara Municipal de Guimarães, aqui tão distintamente representada pelo seu ilustre Presidente, sem apresentar a V. Ex.^a as mais calorosas felicitações da Direcção da Sociedade Martins Sarmiento pela sua louvável iniciativa do «Festival de Gil Vicente», que resultou numa bela manifestação de Cultura, da qual a nossa terra possui as mais antigas tradições. Mas não desejaria também perder o ensejo, que julgo bem oportuno neste momento, de recordar que, nessa data passada precisamente há vinte anos, em que tão solenemente esta cidade prestou homenagem à memória de Gil Vicente, se procedeu ao lançamento, numa praça pública de Guimarães, da primeira pedra de um monumento a erigir ao grande Comediógrafo quinhentista, que nós consideramos firmemente como nosso glorioso conterrâneo. Mas esse compromisso público, solenemente assumido, desvaneceu-se, infelizmente, no decorrer destes dois decénios, e o monumento continua por erguer.

Permita-me pois V. Ex.^a que eu repita, neste momento, as palavras que há vinte anos aqui pronunciei, e que foram estas: «Bem desejaríamos ver todas as vontades, todas as forças de acção da nossa terra congregadas em volta desse ideal, aliás persistente e antigo, mas que infelizmente de aspiração não tem passado, de levantarmos um monumento a Gil Vicente, para honrarmos condignamente a memória do fecundo dramaturgo a quem a insigne romanista Professora Dona Carolina Michaëlis chamou «o maior génio inventivo que Portugal produziu», monumento esse capaz de nos elevar perante a nossa própria consciência e a de todos os portugueses que amam Portugal. Mas confiemos na inteligência dos homens que hoje se encontram à frente do Município Vimaranesense, e confiemos também na hora presente, que é de reconstrução social e de vivo ardor nacionalista». Eis o que eu afirmei há vinte anos neste mesmo salão. Esperemos pois que o monumento venha a ser ainda uma realidade, porque nisso ficou empenhado, como vemos, o brio e a honra desta terra.

Tenho dito.